

**ACTA SEMIÓTICA ET LINGVISTICA ENTREVISTA A
PROFA. DRA. EVANGELINA MARIA BRITO DE FARIA
ACTA SEMIÓTICA ET LINGVISTICA INTERVIEW
PROFA. DRA. EVANGELINA MARIA BRITO DE FARIA**

**PROFESSORA DE LINGUÍSTICA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**



Profa. Dra. Evangelina Maria Brito de Faria

ASEL: — O que é o SOMA na Paraíba?

Profa. Evangelina: — O SOMA se constitui em uma ação estratégica para a melhoria dos indicadores educacionais das redes públicas e, portanto, articulada ao PACTO SOCIAL PELO DESENVOLVIMENTO DA PARAÍBA. Para o alcance desses objetivos, o MEC estabeleceu diversos programas, tendo como eixo principal a formação continuada de docentes do ciclo de alfabetização com o apoio de material específico para a prática da Alfabetização. O Governo do Estado da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Educação, construiu uma proposta de contrapartida solidária que se concretiza com o Pacto pela Aprendizagem na Paraíba, que tem como objetivo focar na aprendizagem de Português e Matemática, para reverter dados de avaliações externas, que apontam um baixo nível dos(as) alunos(as) em leitura, escrita e matemática. Para realização desse Pacto, o Governo fez parcerias com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba e com a Universidade Federal da Paraíba, para ações sobre a melhoria do Ensino nas áreas de Língua Portuguesa e de Matemática no Ciclo de Alfabetização. Para concretização dessas ações nas escolas da Paraíba, nosso grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Alfabetização em Linguagem e em matemática propôs o Projeto IMPLEMENTAÇÃO DO PACTO PELA APRENDIZAGEM NA PARAÍBA visando à melhoria dos índices de alfabetização nas redes estadual e municipais de ensino. O projeto compreende quatro macro-ações: a) elaboração de guias para uso adequado do material elaborado pela equipe da UFPB, que consta de 12 (doze) cadernos, sendo 6 (seis) de língua portuguesa e seis (6) de matemática, além de

quatro (4) vídeos, sendo um (1) com a apresentação da proposta conceitual e metodológica do material produzido para apoio em salas dos três anos do ciclo de alfabetização, um (1) sobre diversidade linguística recobrando as escolas indígenas e a dos ciganos no estado na Paraíba, outro (1) sobre jogos didáticos, envolvendo situações problemas de matemática e outro (1) sobre o desenvolvimento das habilidades fonológicas com diretrizes para cada hipótese silábica apresentada; b) formação continuada para fomentar práticas em consonância com a proposta didática elaborada; c) intervenções didáticas após análises de avaliações formativas realizadas pelo CAEde d) monitoramento das ações.

ASEL: — Quantos municípios participam do SOMA?

Profa: Evangelina: — 219 municípios, quase todos, já que o Estado possui 223.

ASEL: Qual a proposta pedagógica do Projeto IMPLEMENTAÇÃO DO PACTO PELA APRENDIZAGEM NA PARAÍBA?

Profa:— Evangelina: A metodologia foi centrada em duas direções: 1) na ação didática do professor; 2) no estabelecimento da rotina. Em relação à ação do professor, destacamos: A importância do planejamento e organização didática da sala de aula; As sequências didáticas com as diversas atividades e materiais didáticos; Sala de aula com materiais potencializadores de um ambiente letrado; O papel da avaliação da aprendizagem como norte direcionador do replanejamento das atividades didáticas. No tocante à rotina, realçamos: Pelo menos, uma hora diária para Matemática e uma para Língua Portuguesa. Sobre a **rotina diária**, alguns momentos importantes: a leitura deleite, o momento da **vivência de uma situação**, com gêneros para língua portuguesa; e para matemática jogos ou a apresentação de um material (história, notícia, gráfico, situação investigativa, etc); o momento da **problematização e discussão oral**, para explicitação de hipóteses; trabalho com os quatro eixos da língua portuguesa e para matemática, atividades escritas, de registro de soluções, de fixação de conceitos, ou até de novas problematizações.

No ensino de língua, é importante lembrar que atividades diferentes necessitam de metodologias diferenciadas para que ocorra a aprendizagem. Por exemplo, o ensino da relação entre o sistema fonológico e a sistema alfabético exige procedimentos diversos dos que são utilizados para o ensino da

compreensão do texto; recortar também que o ensino de todos os eixos deve ser sistemático, isto é, precisa ocorrer em todos os dias da semana. Dessa forma, sugerimos, pelo menos, uma hora diária para as reflexões em sala sobre Língua Portuguesa. Naturalmente, esse tempo necessita ser dividido em curtos períodos por eixo. Essa especificação dos períodos é para lembrar que as crianças não conseguem passar uma hora fazendo a mesma atividade, a concentração diminui, porém não deve ser entendida como uma observação rígida, inflexível. O bom senso vai dizer se a discussão temática deve continuar ou não, se a produção coletiva precisa ser prolongada, etc.

Tanto para a ação do professor como para o estabelecimento da rotina se faz necessário o planejamento. O tempo é um elemento importantíssimo e precisa ser mensurado no planejamento diário. Planejar a atividade para desenvolver determinada capacidade requer analisar a previsão do tempo, prever a organização do espaço, escolher o material a ser utilizado e pensar na avaliação da aprendizagem. Nada deve ser improvisado.

Se observarmos bem, a metodologia coloca em destaque a aprendizagem do aluno, pois todos os aspectos apresentados estão direcionados para uma visão de criança que constrói, com a mediação do professor, o próprio conhecimento.



ASEL: — Quais ações tiveram maior relevo?

Profa: Evangelina — Naturalmente, em um projeto dessa dimensão tudo ganha relevo. As formações continuadas, as visitas aos municípios, as análises das avaliações externas, o contato com os professores alfabetizadores. Mas, aqui gostaria de falar especialmente da construção do vídeo sobre **diversidades linguísticas na Paraíba**. <http://www.cchla.ufpb.br/nealim/>



Quando pensamos no Brasil, geralmente, vem à nossa mente uma língua- o português brasileiro. Mas, nosso país apresenta grande *diversidade* linguística. Em seu território, são faladas mais de duzentas línguas, incluindo as indígenas, as de imigrantes, as dos ciganos. Além delas, existe a Língua Brasileira de Sinais, que é uma língua gestual. Também na Paraíba essa realidade está presente.

Iniciamos apresentando o conceito de Calvet (2004), para quem a Linguística é o estudo das comunidades humanas através da língua. Para ele, as línguas existem para servir aos homens e não os homens para servir à língua. Isso significa que devemos olhar a língua pela perspectiva da pessoa que a usa. Como as pessoas são diferentes, essas diferenças aparecerão nas línguas. Assim, a diversidade é um processo normal em todas as línguas.

Mostramos que, hoje, já existe uma política para a preservação das línguas. São muitos argumentos nessa defesa. Falamos de dois apenas. O primeiro é o cultural. É principalmente em uma língua e por meio dela que a cultura imaterial de um povo é produzida e transmitida de geração a geração. É por causa dessa

Íntima relação entre língua e cultura que, quando a língua deixa de existir, a cultura também desaparece. O segundo argumento está ligado ao papel que as identidades coletivas regionais adquirem como forma de resistência à homogeneização cultural decorrente da globalização, nas últimas décadas. Nesse contexto, a luta pela preservação da diversidade linguística ocupa um lugar importante, na medida em que “todas as línguas são a expressão de uma identidade coletiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade”, como destaca o art. 7.º da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos.

Após a introdução, apresentamos a língua Tupi sendo ensinada nas 31 escolas de aldeias indígenas do Município de Marcação. Os potiguaras estão entre nós. Falar Tupi é uma conquista para esse povo.



Refletir sobre diversidade linguística nos remete pensar sobre identidade e cultura. Nesse viés ‘língua e cultura’, ‘identidade e cultura’, ‘escola e diversidade linguística’ destacamos uma minoria étnica ainda pouco lembrada, pouco valorizada e vítima de muito preconceito: Os ciganos. Segundo pesquisas etnográficas, aqui na Paraíba há ciganos de etnia *calon* em cerca de 18 cidades. Sousa e Patos têm o maior número de ciganos vivendo em comunidade.

Em nenhuma dessas cidades há escolas exclusivamente para a população cigana. Sobre esse assunto, temos aqui o mesmo posicionamento que a antropóloga Edilma Monteiro levantou em 2015 ao realizar uma pesquisa com as crianças ciganas do Vale do Mamanguape-PB: a existência de escolas que atendam

somente crianças e jovens dessa minoria étnica com vistas à valorização e perpetuação de sua língua e cultura traria em seu bojo o problema da segregação, alargando ainda mais o distanciamento entre ciganos e não-ciganos, impedindo-os de serem vistos e valorizados nas escolas formais das quais hoje participam. Do outro lado, temos ainda muito a se pensar sobre a escola mista com não ciganos e ciganos, sobretudo no que tange ao preparo do professor frente à diversidade.

Acreditamos que pensar a diversidade linguística e culturas ciganas na escola preconcebe duas reflexões: a forma como a língua e o sujeito que a movimenta são compreendidos pelo professor. Aqui cabe ressaltar que conceber o sujeito enquanto ser social, histórico e cultural valorizado em sua singularidade e a língua como forma e processo de interação aponta para uma prática pedagógica centrada não no estabelecimento de uma norma culta em detrimento das outras variedades linguísticas, mas de refletir os usos dessas variações.

Os ciganos *calon* além de falarem o Português brasileiro também compartilham entre eles a *chib de calon*. Trata-se de uma língua compartilhada apenas entre os ciganos. No contexto da Paraíba, essa língua tem caráter de proteção e é ressaltada como elemento que atesta a legitimidade de um cigano. Nas palavras de Goldfarb (2013) este artefato cultural configura-se como elemento escolhido pelos próprios ciganos para afirmar seu sentimento de pertencimento. No entanto, mesmo falando o português brasileiro os ciganos apresentam entonação, escolhas lexicais e alguns gestos que diferem dos não ciganos - conforme nossa experiência ao pesquisar a entrada da criança cigana na língua na comunidade cigana em Sousa-PB. Percebemos que apreendem o mundo e agem nele e sobre ele levando em consideração a cultura que compartilha com sua família e amigos ciganos.

Nesse sentido, as escolas que atendem crianças ciganas necessitam incluir nos seus projetos político pedagógico, atividades que levem todo público escolar a conhecer, refletir, respeitar essa minoria étnica bem como as singularidades no tocante às variações linguísticas que cada grupo local compartilha.

Um trabalho nesses moldes tem sido desenvolvido na Escola Municipal Irmã Iraídes. Localizada próximo às comunidades ciganas de Sousa, essa escola se destaca no cenário do Estado pela realização de projetos que buscam apresentar a cultura cigana de forma lúdica através de contos planejados e escritos pela

pedagoga Marcilânia Alcântara, que é cigana *calon*, e trabalhado em sala de aula que fomentam a valorização e o respeito ao povo cigano, enfatizando sua participação na formação histórico-cultural do Brasil.

ASEL: — Que impressões ficam mais fortes desse contato com os municípios?

Profa: Evangelina: — Para a Universidade foi uma oportunidade única, manter contato com 219 municípios fez consolidar, pelo menos na área da Educação, a extensão de uma maneira mais concreta, plausível e visível para os municípios participantes.

Para cada membro da equipe foi descobrir uma nova realidade linguística na Paraíba. Essa diversidade não pode ficar escondida. É parte de nossa história, constitutiva de nossa identidade. Conseguimos dar voz a todos esses diferentes falares. Isso também é compromisso da Universidade.

Em relação ao processo de alfabetização, conhecer os dados é o primeiro passo para uma mudança radical na realidade existente. O segundo, não menos determinante, é oferecer proposições para reestabelecer as condições favoráveis e reverter os dados. Isso foi realizado através das formações e visitas aos municípios. O terceiro passo demanda tempo. Precisamos colocar em prática em cada sala de aula os direcionamentos apontados nas formações. Implementar mudanças requer compromisso que envolve todos os integrantes do contexto escolar: gestores, professores, alunos e comunidade de pais. Além desse ponto estratégico, lembramos que educação não se muda em um período de tempo curto. Requer investimento a médio e longo prazo.

Esperamos a continuidade do projeto, pelo menos por quatro anos, para uma consolidação de concepção: de criança, de ensino língua e de matemática na alfabetização, de avaliação como indução para o planejamento, de formação continuada como direito de espaço de discussão para a melhoria da qualidade da profissão e, sobretudo, de concepção de pluralidade de línguas e de culturas para o fortalecimento de nossa identidade paraibana.